

ÍNDICES CULTURAIS REFLETIDOS NO PROJETO DE ARQUITETURA: PESQUISA E SUAS INTERFACES

BRASILEIRO, Alice (1); DUARTE, Cristiane Rose (2)

(1) Arquiteta, MSc., professora assistente, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ (e-mail: alicebraileiro@acd.ufrj.br)

(2) Arquiteta, Dr., professora titular, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ (e-mail: crduarte@ufrj.br)

Resumo

O presente artigo apresenta possibilidades de ferramentas metodológicas para a compreensão e análise de projetos de arquitetura, na busca de uma interface com os estudos culturais. A partir da premissa que o ambiente e o homem se refletem um no outro, o presente artigo mostra a busca pelos reflexos de elementos culturais impressos no ambiente construído pelos seus usuários. Fazendo parte de uma pesquisa maior, que pretende transformar essa busca inicial numa contribuição às metodologias de análise de espaços tais como a Avaliação Pós-Ocupação, o trabalho utiliza algumas dimensões culturais estabelecidas na área de Administração e Negócios como guia para a observação do ambiente: Índice de Distância Hierárquica, que mostra as relações de poder dentro de um grupo; Índice de Individualismo, que ilustra as relações interpessoais nas sociedades, sob o caráter individualista ou coletivista; e Índice de Controle da Incerteza, que mostra como um grupo lida com situações adversas e inesperadas, fora das condições previsíveis. Todas essas dimensões foram rebatidas para o ambiente construído, buscando o entendimento de como a visão de mundo, os valores e os hábitos de um grupo, reflexos da cultura, podem ficar marcados no ambiente. Através deste estudo pretendemos sistematizar uma metodologia de observação cultural do projeto, inserindo o tema interdisciplinar na pesquisa acadêmica de arquitetura e urbanismo.

Abstract

The present article shows possibilities of methodological tools for the understanding and analysis of architecture projects, in the search of an interface with the cultural studies. Starting from the premise that the environment and the man reflect themselves one in to another, the present article shows the search for the reflexes of cultural elements marked in the built environment by its users. As a part of a larger research, it intends to transform the initial search in a contribution to the methodologies of analysis of spaces such as the Post-Evaluation Occupation, the work uses some cultural dimensions established in the Administration and Business area as guide for the environment observation: Power Distance Index, which shows the relationships of power inside a group; Individualism Index, that illustrates the inter-personal relationships in the societies, under the individualistic or collectivist character; and Uncertainty Avoidance Index, which shows as a group deal with adverse and unexpected situations, out of the foreknowable conditions. All those dimensions were transferred to the built environment, looking for the understanding of how the values and the habits of a group, reflexes of the culture, can be marked in the environment. Through this study we intended to systematize a methodology of cultural observation of the project, inserting this interdisciplinary theme in the academic research of architecture and urbanism.

Introdução

Ao iniciarmos a pesquisa que está na base do presente artigo, nos deparamos com uma dificuldade, que apesar de ser grande, não era exclusiva deste trabalho: a necessidade de delimitação do conceito de cultura. Como a cultura se enquadra numa área ligada fundamentalmente ao Homem, cabe à antropologia o seu estudo, já estando produzidas inúmeras definições para o conceito de cultura. Somente Kroeber & Kluchohn¹ chegaram a mais de 160, isso em 1952, quando as grandes mudanças ocorridas nos anos 60 na antropologia ainda estavam por vir. Apte (1994)², ao contribuir com o 10º volume da Encyclopedia of Language and Linguistics, resumiu o problema da seguinte forma: “apesar de um século de esforços para definir Cultura adequadamente, no início dos anos 90 ainda não havia concordância entre os antropólogos sobre a sua natureza”.

¹ Apud Brasileiro e Duarte, 2003.

² Apud Spencer-Oatey, 2000.

Apesar disso, dessa não-definição, a cultura não deixou de ser estudada e pesquisada. Sua influência está presente em todos os eventos que contem com a presença de pessoas. Assim é que ela rege a vida de diferentes grupos, sociedades, nações inteiras, e cada vez mais sua importância é reconhecida, haja vista a tão falada “globalização mundial”, que se depara com o confronto de culturas muito diferentes entre si, tendo que conviver num mesmo mundo, cada vez menor em distâncias a serem vencidas.

Foi na área da Administração e Negócios, um setor que vem dando cada vez mais importância à cultura, que percebemos a existência de estudos que começaram a caracterizar alguns elementos culturais. Esses estudos dão, de certa forma, um grande destaque à chamada “Cultura Organizacional”, que seria a “cultura” própria de uma empresa ou organização, mas para chegar até ela, há que se passar pela “cultura” de forma geral, assumindo que todas as pessoas já possuem sua própria cultura quando começam a trabalhar nesta ou naquela empresa.

Dessa forma, percebemos que apesar desses estudos terem seu foco principal voltado para a área de Administração, isso não impediria o seu uso em outras áreas, e é isso o que pretendemos na pesquisa que desenvolvemos: utilizar o enquadramento que a cultura ganhou através da Administração para o seu estudo no projeto de arquitetura, que em última instância, é reflexo da cultura que o produziu.

Independentemente da área de Administração, vários autores se debruçaram sobre esta questão, analisando como o ambiente e seus usuários refletem um ao outro. Dentre eles podemos citar Rapoport (1969), Santos (1981), Hall (1994) e Thibaud (2002). Conhecer os mecanismos de **moldagem do Lugar** (DUARTE, 1993) e compreender os afetos atribuídos aos ambientes constituem-se em fatores fundamentais, tanto para a geração de estratégias de promoção do bem estar do Homem nos espaços construídos, como para o sucesso dos projetos de arquitetura e urbanismo.

Acreditamos que a interface com as disciplinas voltadas para os estudos culturais possam contribuir para análises de projetos de arquitetura e uso de espaços, como é o caso da metodologia de Avaliação-Pós-Ocupação (APO)³.

De fato, no seu caráter mais clássico, a APO apresenta o estudo de elementos “técnicos, funcionais e comportamentais”⁴, sendo estes últimos os menos abordados tradicionalmente pelas avaliações em si, tanto pela dificuldade da obtenção de dados quanto pela sua inserção em parâmetros mensuráveis. Lidar com os fatores ditos “comportamentais” numa APO envolve principalmente pesquisar a inter-relação pessoa – ambiente construído, e nesse enfoque, é imprescindível que se leve em consideração a influência dos elementos culturais, de forma que a inter-relação passará a se desenvolver entre pessoa – cultura - ambiente construído.

O desenvolvimento de Ferramentas Metodológicas com a inserção de elementos culturais

Entendemos que a realização de uma avaliação como a APO será influenciada por elementos culturais em dois pólos:

- 1) os elementos provenientes do avaliador;
- 2) os elementos provenientes dos usuários do ambiente.

Ambos pólos terão seus próprios vínculos com o resultado da avaliação, mas em relação àqueles provenientes do avaliador, há que se considerar outros aspectos subjetivos envolvidos, que merecerão um estudo mais aprofundado posteriormente. Para o presente momento, neste trabalho, podemos destacar que vem sendo defendida por alguns segmentos uma abordagem atuacionista⁵ nas pesquisas. Podemos dizer que na abordagem atuacionista o pesquisador têm

³ Apesar de entendermos que “Avaliação Pós-Ocupação” designa um dos aspectos de uma análise mais abrangente, que é a “Avaliação de Desempenho” do ambiente construído, manteremos o uso do primeiro termo em função de ser uma terminologia já consagrada e amplamente utilizada na área.

⁴ Termos utilizados por Ornstein e Romero, 1992.

⁵ Termo oriundo das ciências cognitivas, principalmente no enfoque de Varela, Thompson & Rosch, 1991, do original em inglês *enaction*, que significa atuação; estar atuando num determinado processo.

consciência de que estará (ainda que involuntariamente) interferindo na análise, de modo a levar isso em consideração no resultado. Buscando um contraponto nas ciências sociais, podemos dizer que aqui o Bias⁶ não é evitado, muito pelo contrário, aceita-se e admite-se conscientemente a sua existência, como mais um elemento da experiência. Esse procedimento vem sendo denominado por Observação Incorporada por alguns pesquisadores⁷ ligados à APO e avaliação de desempenho do ambiente construído.

Também consideramos que a empatia, conforme colocada por Thompson (1999), da mesma forma assumirá papel importante na avaliação, posto que através dela o pesquisador poderá se identificar com os usuários do ambiente para poder apreender as sensações/emoções/percepções que passam por eles.

Em relação aos elementos culturais provenientes dos usuários, estes se apresentam como um ponto-chave da avaliação. Isto porque, mesmo considerando-se todo Bias e realizando uma Observação Incorporada, um mesmo avaliador, ao fazer a APO de dois ambientes fisicamente iguais, porém com usuários de culturas diferentes entre si, certamente poderá verificar que as duas APO's também terão produzido resultados diferentes entre si. É a constatação de como a visão de mundo, os valores e os hábitos de um grupo, reflexos da cultura, podem ficar marcados no ambiente.

Dimensões culturais

É conveniente lembrar que “cultura” é um termo que abriga significados muito amplos e diversos, alguns deles já vastamente discutidos pela antropologia, sociologia e ciências afins. Apenas para efeito de identificação da nossa linha de pensamento, cabe aqui uma citação a seu respeito:

“A cultura direciona nossas ações (...) A cultura é feita pelo homem, confirmada pelos outros, convencionalizada e transmitida para que os jovens ou recém-chegados a aprendam. Oferece às pessoas um contexto significativo no qual se encontrar, refletir sobre elas mesmas e encarar o mundo externo. (...) todas as sociedades estão cientes de todas as possíveis soluções [para os problemas], mas as preferem em ordens diferentes” (TROMPENAARS, 1994, p.25 e p.27).

Tomamos emprestado da área da Administração um estudo realizado nos anos 80 (HOFSTEDE, 2001, 1997) para nos auxiliar no estabelecimento de dimensões culturais que podem ser rebatidas para o ambiente construído.

Os estudos de Hofstede se tornaram um clássico da Administração, principalmente em negócios internacionais. Como psicólogo da IBM, ele teve a oportunidade de utilizar como fonte de pesquisa os funcionários da empresa em mais de 50 países, obtendo 116.000 questionários respondidos. A partir daí, delineou o que chamou de “culturas nacionais”, caracterizando os países relativamente uns aos outros. Trabalhando estatisticamente os dados, Hofstede chegou a algumas dimensões culturais bipolarizadas, em que alguns países apresentavam índices mais altos e outros mais baixos, caracterizando assim sua cultura segundo aquelas dimensões.

Acreditamos que essas dimensões culturais poderão produzir uma interessante conexão entre elementos culturais e os fatores ligados ao uso e comportamento numa influência mútua entre pessoa e ambiente.

O citado autor elaborou um mapa empírico da caracterização cultural das nações segundo determinados índices. Por exemplo, no Brasil, observou-se que a população é dividida e classificada numa hierarquia de importância, segundo suas posições sociais. Hofstede nos mostra, no entanto, que essa “divisão hierárquica” acontece muito além da estratificação econômico-social. É de fundo cultural, é pelo nosso perfil cultural que relacionamos base da pirâmide social com inferioridade pessoal, o que nem sempre acontece em outros países.

⁶ Termo em inglês comumente utilizado em ciências sociais para fazer referência à parcialidade e aos preconceitos do pesquisador, que interferem diretamente no resultado da pesquisa (GOLDEMBERG, 2001).

⁷ Ver, por exemplo, RHEINGANTZ, 2004; ALCÂNTARA e RHEINGANTZ, 2004 e ABRANTES, 2004.

Das cinco dimensões estabelecidas por Hofstede, pelo menos três delas⁸ foram aplicáveis à totalidade dos 53 países estudados na sua pesquisa. Esse estabelecimento fornece um suporte inicial para se classificar a “tendência central” de cada cultura dos países analisados segundo essas dimensões, que são:

- IDH – Índice de Distância Hierárquica
- IDV – Índice de Individualismo
- ICI - Índice de Controle da Incerteza.
- IMAS - Índice de Masculinidade
- OLP – Orientação a longo prazo

Neste trabalho estaremos nos atendo às três primeiras dimensões listadas acima, que estão delineadas mais adiante.

Cabe ressaltar que outros autores também estabeleceram dimensões culturais, tais como Trompennars (1994), Licht, Goldschmidt e Schwartz (2001) e até E.T.Hall (1994), um antigo conhecido no campo da arquitetura. Escolhemos as do autor Geert Hofstede apenas para servir como um guia para nossa linha de raciocínio, mas no entanto, para proceder a uma pesquisa mais extensa, há que se levar em consideração as demais dimensões estabelecidas por outros autores.

Alguns outros pesquisadores também elaboraram estudos a partir desta pesquisa de Geert Hofstede, inclusive no Brasil. BARROS (2001), por exemplo, procedeu a uma pesquisa semelhante, aplicando os índices do autor em empresas no Brasil, e levantou as diferenças internas do país. Neste trabalho, a autora verificou que em relação ao índice de individualismo, este é tanto maior quanto maior é a renda per capita de cada Estado, da mesma forma que o índice de distância hierárquica, que traduz as relações de poder, se mostrou mais baixo no sudeste e mais elevado no nordeste, com evidências de autoritarismo nas relações inter-pessoais.

Os índices culturais refletidos no ambiente construído

A partir dos três índices escolhidos por nós – IDH, IDV e ICI, verificamos possíveis reflexos destes no ambiente construído, como se fossem “pistas culturais” deixadas pelos usuários naqueles ambientes. Obviamente, os índices adotados nem sempre se manifestam de forma maniqueísta, havendo na realidade uma gama variada de níveis intermediários entre os dois extremos, mas para efeito da sua busca inicial, procederemos às possíveis identificações de seus sinais no ambiente, pautados pelos dois extremos de cada um. Assim, nas tabelas a seguir, em cada coluna veremos manifestações físicas de altos índices de um lado, e de baixos índices do outro.

IDH – Índice de Distância Hierárquica

Segundo Hofstede, este índice permite aferir se há relação de distância hierárquica e poder onde há condições externas para isso. Nas palavras do autor, o índice propriamente dito: “...é a medida do grau de aceitação, por aqueles que têm menos poder nas instituições [família, escola, comunidade] e organizações [trabalho] de um país, de uma repartição desigual de poder” (1997,p.42).

Estamos falando aqui de casos em que alguém, que naquele momento esteja em posição hierárquica-administrativamente superior, faça questão de agir como tal e demonstrar a sua posição no ambiente.

O espaço arquitetônico, desta forma, é alterado pelo usuário. Passa a haver uma apropriação ou personalização (FISCHER, 1994) que, rebatida no espaço, dá pistas sobre a hierarquia na empresa/ comunidade. Na situação oposta, há relação extrínseca de poder, mas apesar disso não há exibição ostensiva da sua posição, seja por atitudes ou pela sua ocupação física no ambiente.

⁸ Índice de individualidade, índice de masculinidade e índice de distância hierárquica.

A pesquisa que está na base deste artigo sugere algumas pistas espaciais para detectar o índice IDH, a saber:

IDH alto	IDH baixo
1) empresas com estações de trabalho de mobiliário diferenciado segundo o posto ocupado; ambiente “segregador”, com salas individuais para gerentes.	1) empresas com estações de trabalho com mobiliário sem distinção em função do posto ocupado; ambiente integrado, sem salas separadas para gerência.
2) elevadores privativos.	2) elevadores comuns a todos.
3) estacionamento com vagas exclusivas.	3) todas as vagas de estacionamento podem ser ocupadas por todos.
4) em linhas gerais: diferenciação nos acessos, nos banheiros, no mobiliário, na sala de refeições etc.	4) em linhas gerais todos utilizam os mesmos acessos, banheiros, mobiliário, sala de refeições etc.
Ou seja, locais de trabalho são um campo fértil para avaliação do IDH	
5) da mesma forma, também em templos religiosos, o “pregador” ocupa espacialmente uma posição de alto destaque.	5) em templos religiosos, não há demasiado destaque na posição espacial do “pregador”.
6) escolas tradicionais, com o professor em posição de destaque em mesa num tablado alto.	6) escola Montessoriana, onde não há lugar separado para o professor ou mesmo escolas tradicionais, mas com o arranjo das cadeiras dos alunos e do professor num círculo único.
7) portas fechadas, em qualquer lugar – também está relacionado à privacidade.	7) portas abertas, em qualquer lugar – também está relacionado à privacidade.
8) em casa, toda a família fazer as refeições reunida <u>pode ser</u> um sinal de autoridade dos pais, principalmente se estes se sentam à cabeceira (este item talvez não seja válido para os agitados centros urbanos, mas provavelmente o será para o interior).	8) em casa, se não houver mesa de refeições para toda família, <u>pode ser</u> que os pais não sejam do tipo que exigem que a família faça as refeições à mesma hora (este item talvez não seja válido para os agitados centros urbanos, mas provavelmente o será para o interior).
9) nas ruas, vagas reservadas às autoridades políticas, administrativas, judiciais etc. Exemplo: junto ao tribunal há, <u>na rua</u> , que é pública, uma vaga que só um promotor pode ocupar.	9) nas ruas, que são públicas, não há diferenciação no espaço ocupado pelas autoridades, como vagas de estacionamento reservadas. Algumas autoridades, em determinados países, utilizam o metrô para ir ao trabalho.
10) a única suíte da casa, ou o quarto maior, é ocupado pelos pais.	10) a única suíte da casa, ou o maior quarto, não é necessariamente ocupado pelos pais.
11) edifícios governamentais são opulentos até nos mínimos detalhes da decoração, principalmente nos ambientes ocupados por pessoas que têm um poder menor ou temporário.	11) edifícios governamentais podem até ser opulentos (vide Grã-Bretanha), mas não nos ambientes ocupados pelas pessoas de cargos de 2º e 3º escalão.

IDV – Índice de Individualismo

Este índice demonstra o nível de envolvimento de uma pessoa com as demais. Há sociedades que se caracterizam por um alto índice de individualidade, com manifestações desse aspecto nos ambientes familiares, de trabalho etc., onde se pode dizer que o grupo é apenas um meio para a construção do indivíduo. Na situação oposta, nas sociedades coletivistas, o indivíduo é um meio para a construção do grupo. Segundo Hofstede, “o individualismo caracteriza as sociedades nas quais os laços entre os indivíduos são pouco firmes; cada um deve ocupar-se de si mesmo e da família mais próxima. O coletivismo, pelo contrário, caracteriza as sociedades nas quais as pessoas são integradas, desde o nascimento, em grupos fortes e coesos, que as protegem para toda vida em troca de uma lealdade inquestionável” (1997, p.69). Os laços de união que alguns grupos tendem a valorizar mais do que outros nos remetem à “sociedade relacional” estabelecida

por Roberto Da Matta (1983). Segundo este autor, essa é uma marcante característica da sociedade brasileira, onde as relações entre as pessoas são um meio para se conseguir vantagens ou elementos que pelo viés tradicional ou legal não seriam conseguidos. A essa mesma noção Trompenaars (1994) dá o nome de “particularismo” em oposição a “universalismo”, como características de sociedades onde, na primeira situação, de uma forma exagerada, poder-se-ia dizer “não roube de amigos”, e na segunda, “não roube de uma forma geral”.

A proposta de nossos trabalhos fornece exemplos de pistas espaciais que levem ao conhecimento do IDV:

IDV alto	IDV baixo
1) ambientes muito individualizados, compartimentados, com sinais de domínio territorial por uma pessoa apenas.	1) ambientes que permitam uma leitura indicativa de que, mesmo sem obrigatoriedade, eles sejam ocupados por vários indivíduos simultaneamente.
2) as necessidades e os objetivos são individuais.	2) as necessidades e os objetivos são comuns.
3) Na escola, as atividades são estimuladas a serem desenvolvidas individualmente (ex: pintura para os pequenos e trabalhos intelectuais individuais para os mais velhos).	3) na escola, as atividades são estimuladas a serem desenvolvidas em grupo (ex: teatro pra as crianças pequenas, trabalhos intelectuais em grupo para os mais velhos).
4) há mais culpa do que vergonha.	4) há mais vergonha do que culpa.
5) televisores, computadores e banheiros individuais.	5) televisores, computadores e banheiros compartilhados.
6) há mais quartos por pessoa (m ² de uso individual).	6) há mais salas por pessoa (m ² de uso comum).
7) famílias mononucleares numa casa.	7) famílias multinucleares numa mesma casa.
8) a vida privada se sobrepõe ao grupo (não há espaço programado-reservado para um primo eventualmente vir dormir).	8) o grupo se sobrepõe à vida privada (ex: quarto do filho com uma cama sob a outra para receber um primo eventualmente).
9) o apoio psicológico é do próprio indivíduo – quando eventualmente reunidas em público, as pessoas não agem diferentemente do que se estivessem sozinhas – é também o caso da culpa.	9) o suporte psicológico está no grupo – quando reunidas em público, as pessoas tendem a se comportar de forma diferente, espalhafatosa até, apoiando-se mutuamente no grupo – é também o caso da vergonha.
10) em uma casa, mesas de refeições pequenas.	10) em uma casa, mesas de refeições grandes.
11) nas empresas, os funcionários de um mesmo departamento não se vêem como um grupo – a territorialização é individual. Ex: a personalização somente da <u>sua</u> mesa de trabalho, não interferindo nos demais “territórios” do ambiente – tem a ver com pertencimento, pode ser como causa ou como efeito.	11) nas empresas, os funcionários de um mesmo departamento se vêem como um grupo, imprimindo marcas coletivas no espaço. Ex: pendurar na parede a foto da última confraternização natalina – tem a ver com pertencimento, pode ser como causa ou como efeito.
12) Em linhas gerais, podemos dizer que há um rebatimento na postura do indivíduo em relação aos espaços individuais e aos espaços coletivos. Ex.: quando há um cuidado maior do indivíduo com a manutenção do seu próprio quarto do que com o restante da casa. Também poderia ser sintetizado por: <u>meu + deles</u> ≠ <u>nosso</u> (eu + eles ≠ nós).	12) Quando há o mesmo cuidado do indivíduo com a manutenção do seu próprio quarto e com o restante da casa. Também poderia ser sintetizado por: <u>meu + deles</u> = <u>nosso</u> (eu + eles = nós).

ICI - Índice de Controle da Incerteza

O índice de controle da incerteza mede “o grau de inquietude dos seus habitantes face às situações desconhecidas ou incertas” (1997, p.137). Há uma maior necessidade de previsibilidade das coisas, e uma maior necessidade de leis e regras, mesmo que não sejam escritas. Segundo Hofstede, as culturas mais “ansiosas” (alto ICI) tendem a ser mais expressivas: gesticulam muito,

externam emoções, dão murros na mesa etc. (exceção: Japão, onde as pessoas liberam sua ansiedade e sentimentos bebendo à noite, após o trabalho, mas na manhã seguinte voltam a ser comedidos). Por conseguinte, nos países de baixo ICI, há mais mortes por doenças coronarianas, porque comportamentos ruidosos ou extremamente emotivos não são bem vistos.

Nossa pesquisa está avaliando a possibilidade de apreender pistas espaciais para detectar o índice ICI, a saber:

ICI alto	ICI baixo
1) incerteza = stress e ansiedade.	1) não há necessidade de controlar as incertezas.
2) os play-grounds ficam repletos de pais vigilantes para tomar conta das crianças.	2) nos play-grounds não há presença maciça de pais vigilantes.
3) ambientes arrumados, sem “desordem” e “sujeira”.	3) admite-se a existência de um ambiente desordenado.
4) em empresas, salas específicas para os usos, mesmo que eventuais.	4) em empresas, salas multiuso, flexíveis.
5) ambientes sem usos superpostos e/ou ambíguos.	5) possibilidade de ambientes sem um uso definido (há mais criatividade de modo geral, em baixos ICIs).
6) em condomínios, muitas regras escritas.	6) nos condomínios, não há muitas regras escritas, e se uma delas não pode ser cumprida, é modificada. Há mais “regras” implícitas, normas de conduta, que são encaradas com naturalidade, não como regras. Ex: não jogar lixo nas ruas – as pessoas não o fazem porque seja proibido, mas porque é prejudicial a todos.
7) as instituições têm seus acessos controlados. Ex: escola com 1 portão pequeno, vigiado; repartição pública com espaço pequeno e principalmente, controlado para o atendimento ao público.	7) as instituições têm seus acessos mais franqueados. Ex: escolas com acessos livres, em várias entradas; repartição pública com atendimento ao público de forma aberta e não controlada.

Aplicação

Estes índices culturais podem estar presentes em qualquer ambiente pesquisado. Num estudo realizado anteriormente, num alojamento estudantil, nos deparamos com alguns deles, mesmo não tendo analisado-os sob este aspecto, na ocasião. Como exemplo, podemos citar situações em que, mesmo havendo um refrigerador que servisse aos três quartos de cada “módulo” do alojamento, ainda assim um ou outro aluno tinha o seu próprio, no interior do seu quarto, de uso exclusivo dele (sinal de um forte IDV). Outro exemplo pode ser visto em casos que a parte comum do módulo (no qual se encontra o banheiro) é mantida no seu nível mais básico de limpeza, enquanto em outros casos, esta é uma área bem conservada, decorada e com sinais de personalização dos seus três ocupantes (sinal de um fraco IDV). A metodologia utilizada para o estudo em questão foi a combinação de análise etnográfica, entrevistas semi-estruturadas e questionários – estes dois últimos são métodos também utilizados nas APOs.

Atualmente, ao analisar esses dois breves exemplos sob a luz dos índices apresentados, podemos ter mais direções para buscar até que ponto o grupo de estudantes do alojamento se vê (e pode ser visto) como um grupo único ou não, e esse fato pode fazer toda a diferença na hora de se desenvolver um projeto arquitetônico para um novo alojamento.

Considerações Finais

Partindo de um vasto campo como o que estuda a Cultura, tentamos buscar na área da Administração e Negócios algumas definições que nos auxiliassem no entendimento das inter-relações existentes entre pessoa-cultura-ambiente construído. Entendemos que a compreensão

desta inter-relação é fundamental para o desenvolvimento de projetos arquitetônicos mais adequados ao seu ocupante, o Homem, proporcionando o seu bem estar nos ambientes construídos.

As definições utilizadas estão sob a forma de índices, que mostram as relações de poder dentro de um grupo (IDH); o nível de individualismo/coletivismo (IDV); e o tanto que se admitem nele situações incertas e imprevisíveis (ICI). Procuramos o rebatimento desses índices no ambiente construído e percebemos que é possível a inserção da sua observação, de caráter mais qualitativo, no roteiro de análise de espaços, como por exemplo a APO. Como esta se utiliza mais tradicionalmente de métodos quantitativos, possivelmente a combinação das duas poderá auxiliar no entendimento de como a visão de mundo, os valores e os hábitos de um grupo, reflexos da cultura, podem estar marcados no ambiente, no seu uso e na sua ocupação. Este fato poderá representar um salto qualitativo na metodologia de desenvolvimento de projetos arquitetônicos, além de representar uma significativa contribuição à consagrada metodologia de APO, uma bem-sucedida ferramenta de retroalimentação dos projetos de arquitetura.

Estamos cientes de que o estudo de elementos culturais impressos no ambiente construído não deve, de forma nenhuma, se ater somente aos três índices apresentados neste trabalho. Como informado anteriormente, outros autores, além de Hofstede, também estabeleceram dimensões culturais passíveis de análise e adaptação para o seu rebatimento no ambiente construído. Pretendemos, num momento posterior, partindo de tais estudos, estabelecer dimensões próprias, adaptadas à metodologia de APO, para que possamos, de forma efetiva, proceder a uma análise cultural dos ambientes moldados pelo Homem, procurando fazer com que, em última análise, a Arquitetura não seja um mero reflexo da Cultura, mas um reflexo *consciente* do Homem e de sua identidade.

Referências bibliográficas

- ABRANTES, M. **Um olhar cognitivo sobre o Lugar do Trabalho - avaliação de desempenho em ambiente de escritório: estudo de caso em empresa de advocacia.** Rio de Janeiro: FAU-UFRJ. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), 2004
- ALCÂNTARA Denise; RHEINGANTZ, Paulo A. A cognição ambiental na avaliação da qualidade do lugar – conceitos e métodos para o aprimoramento do desenho urbano. NUTAU' 2004, São Paulo. In: **Anais...São Paulo, 2004**, cd-rom
- BARROS, Betânia T. **Estudo identifica as diferenças culturais na maneira de negociar** Disponível em <http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/executivos/noticias/ge091202.htm> [2001], acesso em 09/03/05
- BRASILEIRO, A.; DUARTE, C.R. (orient.). **Cultura: Uma revisão bibliográfica.** Trabalho apresentado na disciplina *Seminários I*, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ, 2003.
- BRASILEIRO, A.; DUARTE, C.R. RHEINGANTZ, P. *Observação de Fatores de Ordem Cultural na Interpretação dos Espaços.* In **Anais do claCS'04 / ENTAC'04.** São Paulo: ANTAC, 2004 [CD-ROM].
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983
- DUARTE, Cristiane R. **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro-** Thèse de Doctorat de l'Université de Paris-I Sorbonne, 1993.
- FISCHER, Gustave.N. **Psicologia social do ambiente.** Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda, 1994.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HALL, Edward T. **A linguagem silenciosa.** Lisboa: Relógio D'água, 1994.
- HOFSTEDE, Geert. **Culturas e organizações.** Lisboa: Edições Símbolo, 1997 [1991].
- _____. **Culture's Consequences.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2001 [1980].
- LICHT, Amir N., GOLDSCHMIDT, Chanan and SCHWARTZ, Shalom H.. **Culture, Law, and Finance: Cultural Dimensions of Corporate Governance Laws.** Disponível em

<http://ssrn.com/abstract=277613>, [2001], acesso em 22/02/05.

ORNSTEIN, S. W. & ROMÉRO, Marcelo (colaborador). **Avaliação Pós-Ocupação (APO) do Ambiente Construído**. São Paulo: Studio Nobel, Editora da USP, 1992.

RAPOPORT, Amos. **House Form and Culture**.- Prentice Hall Inc., Englewood Cliffs, 1969

RHEINGANTZ, Paulo A. De corpo presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. NUTAU' 2004, São Paulo. in: **Anais...**São Paulo, 2004, cd-rom

SANTOS, C. N. Ferreira dos. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

SPENCER-OATEY, H. Introduction. In: SPENCER-OATEY, H (org.) **Culturally Speaking. Managing Rapport through Talk across Cultures**. London: Continuum, 2000. pp.1–8. Disponível em <http://209.15.42.137/ic.org.uk/publications/chapter1.pdf> , acesso em 19/03/2005.

THIBAUD, Jean-Paul. & JOSEPH Pascale. **Regards en action : ethnométhodologie des espaces publics**. Paris: À la croisée, 2002.

THOMPSON, Evan. **Human Consciousness: from intersubjective to interbeing**. New York University, Evan Thompson & The Fetzer Institute, 1999.

TROMPENAARS, Fons. **Nas ondas da cultura: como entender a diversidade cultural nos negócios** (tradução de **Riding the waves of Culture**). São Paulo: Educator, 1994.

VARELA, Eduardo; THOMPSON Evan; ROSCH Eleanor. **A Mente Incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: ArtMed, 2003 [1991].